

POSITO LERAL
- 2 JUL. 1969



**Ao fim de duas horas
de luta emocionante
e espectacular**

**A «TAÇA DE PORTUGAL»
PASSOU DO PORTO
PARA LISBOA!**

**FESTA
BENFIQUISTA
E TAMBÉM
DO
FUTEBOL**

(LER PÁGINAS CENTRAIS)



MOMENTO de ansiedade nas hostes benfiquistas. Eusébio, que se lesionou, regressa ao rectângulo coxeando, mas viria a recuperar para se tornar particularmente importante na obtenção da vitória

Record

ACTUALIDADE DESPORTIVA

ANO XX

1874

PREÇO 1500

SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS E AOS SÁBADOS

Director: ARTUR AGOSTINHO — Editor: JOSE MONTEIRO POÇAS

Prop. da Soc. Ed. «RECORD» — Red., Adm. e Tip.: R. Luz Soriano, 63 — Tel. 321622/325265/34981

LISBOA

24

JUNHO

1969

ARTUR JORGE

**NO BENFICA
POR
TRÊS ÉPOCAS**

(LER ACONTECIMENTOS DE ONTEM)



A PRUDÊNCIA QUASE IA RESULTANDO

Al longe o tempo das audiências no futebol. Nas épocas românticas, do méta bola e força, as equi- pas cultuavam o perigo, corriam, alegremente, o risco de uma vitória conquistada em campo aberto, mais saborosa por isso mesmo, por ter sido alcançada como quem atravessa um abismo sobre um arame periclitante. Vieram, porém as táticas, calculistas e prudentes. Os golos estavam, tornavam-se uma espécie de desafio passivo a depender, em grande

parte, dum lance de inspiração, dum jogada fortuita, dum falha ou dum bamburrão. Os encontros perderam vibração e entusiasmo. Em vez das sucessivas oportunidades junto das balizas, o excesso de passes a meio-campo. E em lugar dos quartetos ou quintetos avançados a atormentar e a castigar os re- dutos defensivos, o desequilíbrio nu- mérico entre dianteiros (poucos e de- ficientemente apoiados) e defensores (muitos e bons, na generalidade). Eis esboçado o retrato do final. Como, no entanto, coube ao Benfica

A INSISTÊNCIA FZ O RESULTADO

um maior doseamento do jogo por to- do o rectângulo, como a equipa cam- peã nacional pensou mais no ataque e seguiu essa intenção com maior fi- delidade e persistência, o triunfo as- senta-lhe bem. É certo que os estuda- ntes se abeiraram do êxito, ao adianta- rem-se já com o termo do jogo à vis- ta. A prudência dos estudantes ia dan-

do fruto, mas, a concretizar-se a sua vitória, ela dividiu-se-lhe por mérito e sorte. Não seria, de facto, conclusen- te e merecida. Sem uma exibição no- tável — longe disso — os encarna- dos forneceram, sempre, a sensação de que a «Taça» se inclinava para o seu lado, escapando-se, novamente, à tentação coimbrã.

Realmente, positivo e realista empenho de jogo de que se viu comparação com o adversário, que tentava de cortes oportunos e en- dou em abeirar-se e pisar a grande zona do campo a par do seu lado, o vencedor construiu, para os estudantes aguardarem a

Todavia, os escolares apenas lança- ram, sistematicamente, os pontos de lança nas suas decisões, só ajudados por Peres, pois os extremos Campos eram, principalmente, médios. Isso per- mitiu excepcional liberdade aos laterais dos «vermelhos», que não hesi- taram em adiantar-se no terreno, fi- gurando frequentemente (Adolfo em particular) como elementos ofensivos. Ao atingir-se a meia-hora, reparava- se que o Benfica se candidatava, de vez em quando, à vantagem no mar- cador, ao passo que os académicos, in- dividuais do meio-campo para a frente, fundamentavam as suas espe- ranças na vaga hipótese de serem bem sucedidos os remates de Peres, desfe- ridos de longa distância, ou os raides de Manuel António e Nene.

O zero-zero da primeira parte não era totalmente falso, apesar de tudo. Se houvesse contagem de pontos, o Ben- fica estaria à frente, sem dúvida. Mas, em futebol, só os golos contam.

Na segunda parte, Torres rendeu Abel e a quantidade de jogadas ativa- das sobre a assoberbada defesa de Coimbra cresceu consideravelmente. Sucedeu, no entanto, que os elementos desse compartimento académico haviam subido de rendimento e o espaço pa- ra manobrar a preparação de chutes às redes por parte dos ofensivos não abundava. A ameaça não se concreti- zou, contudo, por Simões falhar na conclusão de oportunidades que se afir- guravam fatais. Deste modo, a igual- dade aguentou-se.

Uma série de boas intervenções de Viegas estimulou, então, a Académica, decidida a sacudir a pressão que lhe era imposta. Mário Campos surgiu a secundar Rui Rodrigues na transpor- te de jogo (Peres havia saído) e a ver- dade é que os estudantes alcançaram,

por volta dos trinta minutos, o seu melhor período. Veio o golo, que pa- recia decisivo, mas o empate não tar- dou. O prolongamento, com um Benfica notoriamente mais bem conservado, só dificilmente traria o triunfo à fatiga- da turma de Coimbra. Eusébio chegou atrasado a um can- culpa? Claro que não. Uma ofensa não invalida o seu trabalho, no qual so- breviveu várias saídas no momento exac- to. MALTA DA SILVA — Cumpriu em absoluto. Procurou dar a bola sempre que conseguiu, a sua posse. Actuação positiva, sem dúvida. HUMBERTO II — Trata-se de um

CADA VENCEDOR... CADA SENTENÇA EUSÉBIO — A BOLA BATEU-ME NA CABEÇA

BENFIQUISTAS trajando de aca- démicos e estes envergando ca- misola encarnada, numa per- muta curiosa, simbólica e simpática, a encerrar condignamente uma luta de duas horas que empolgou e que foi sempre nobre, qualquer que fosse o desfecho no marcador. Foi em pleno relvado, logo após o apito do sr. Ismael Baltasar ter da- do o encontro por encerrado, que a «operação-troca de camisolas» teve o seu início, com Eusébio muito acad- émico e Toni a regressar aos seus tempos de Coimbra, equipando-se de negro. E até José Henrique permuta- va a sua camisola com Viegas, para quem Manuel Capela (o antigo guarda- redes «internacional» do Belenenses e da Académica), tinha umas pala- vras de conforto e de estímulo...

Na cabina do Benfica, onde Eusébio que ficara com a bola da fi- nal «decretava» assinaturas de todos os filiais, a «Taça de Portugal» — grande novidade para alguns — é mi- rada e exibida com compreensível en- levo. ADOLFO é dos mais entusiastas e diz:

NO LANCE DO SEGUNDO GOLO!

Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Sim, emocionei-me bastante e não consegui render o que está ao meu alcance. Nunca cheguei a supor que tal acontecesse mas é verdade. Frente às camisolas pretas pelas quais já chorava há dois anos em final semelhante, o Toni nem sempre foi o mesmo, mas agora estou satisfeti- ssimo... JOSÉ HENRIQUE, o guardião. Um dos tais que nunca pode falhar. Outro estreado como vencedor da «Taça». — No golo não tinha hipóteses: o Manuel António rematou colocado e com força. Quanto ao resto? Estou feliz pois creio que cumpri e que colaborei com os meus companheiros (Continua na 11.ª pág.)

Entre dirigentes, técnicos e jogadores PESAR DAS DIFICULDADES

— No golo não tinha hipóteses: o Manuel António rematou colocado e com força. Quanto ao resto? Estou feliz pois creio que cumpri e que colaborei com os meus companheiros (Continua na 11.ª pág.)

ESTO O TRIUNFO DO BENFICA

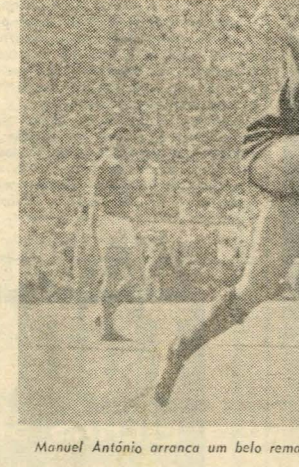
— No golo não tinha hipóteses: o Manuel António rematou colocado e com força. Quanto ao resto? Estou feliz pois creio que cumpri e que colaborei com os meus companheiros (Continua na 11.ª pág.)

Entre dirigentes, técnicos e jogadores PESAR DAS DIFICULDADES

— No golo não tinha hipóteses: o Manuel António rematou colocado e com força. Quanto ao resto? Estou feliz pois creio que cumpri e que colaborei com os meus companheiros (Continua na 11.ª pág.)

REGISTO O GOLO DA VITÓRIA FOI MARCADO NO PROLONGAMENTO ESTÁDIO NACIONAL. ÁRBITRO: Ismael Baltasar (Se- tubal). BENFICA — José Henrique; Mal- ta da Silva, Humberto Coelho, Ze- ca e Adolfo; Toni e Coluna; Jaime Graça, Abel, Eusébio e Simões. ACADEMICA — Viegas; Gervásio, Vieira Nunes, Belo e Marques; Rui Rodrigues e Nene; Mário Cam- pos, Manuel António, Peres e Vi- tor Campos. SUBSTITUIÇÕES — Torres (na 2.ª parte) e José Augusto (71 m.), renderam, respectivamente, Abel e Toni, no Benfica. Serafim (68 m) e Rocha (no pro- longamento) entraram para os lu- gares de Peres e Vitor Campos. 0-1 Aos 81 m., Gervásio mar- cou um «livre». O estérico foi a MANUEL ANTONIO, que o recebeu no peito, deixou-o cair na relva e acabou por atirar forte e certo. 1-1 Quatro minutos depois, Eu- sébio executou um «livre». Viegas largou a bola e SIMÕES ocorreu prontamente a uma re- carga oportuna. 2-1 Aos 109 m., J. Graça cen- tuiu. Viegas saiu mais EU- SÉBIO antecipou-se e cabeceou para o fundo das redes.

COLUNA, o «capitão», é o mais solicitado, visado por fotógrafos que querem o Coluna sem taça e o Co- luna com a taça. Finalmente, o «capitão» diz: — Excelente a réplica da Acadé- mica, uma final que deve ter agrada- do aos milhares de espectadores que estiveram no Estádio Nacional. Mesmo a perder por um zero tive a secre- ta esperança de que poderíamos che- gar pelo menos ao empate no tem- po regulamentar e que no prolonga- mento teríamos outros «chances». E assim foi... HUMBERTO II, outro estreado numa final da «Taça de Portugal», refere-se ao golo da Académica:



Quando acontece luta aberta, esforçada, sem quartel — e uma tal entrega, absoluta, se prolonga por duas horas de tensão arrasadora e sacrifício físico verdadeiramente esgotante... o senti- mento meditado e mais vivo seria, ante o apito final, o de alívio. Dai, talvez, o facto de não havermos encontrado, na cabina dos estudan- tes, quaisquer vestígios de inconfor- mismo, de revolta ante um «gase» que não chegou a sé-lo, de lamenta- ção pelo estranhar dum sonho que esteve bem próximo da reali- dade. Pelo contrário, verificámos con-

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

— Quando a Académica marcou o golo sempre pensei que a «Taça de Portugal» iria para Coimbra. Não porque o Benfica estivesse a ser inferior, nada disso, mas porque «eles» defendiam-se muito bem... ABEL e a sua primeira «Taça de Portugal». Jogou quarenta e cinco minutos e... — Meu pé esquerdo voltou a não funcionar. Sim, tive uma ou duas oportunidades de golo que falei por pouco. O espectáculo da final é im- pressionante. A Académica também jogou muito bem, não acha? A um canto, naturalmente alegre mas comedido na sua satisfação (tal como no rectângulo) eis ZECA, o benfiquista que deu «show» na defesa dos «encarnados». — Gostei imenso. Por mais, a Acadé- mica valorizou imenso o nosso triunfo, jogando com muita cabeceira e com força, o que não é muito fre- quente nesta altura da época. Mesmo depois do golo nunca perdi as espe- ranças...

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Manuel António arranca um belo remate, que parece, até, causar admiração a Humberto e, naturalmente, aos milhares de espectadores espalhados pelos bancos

Sequência de imagens do primeiro golo do Benfica. Em cima, Simões tocou primeiro na bola que Vieira Nunes e Viegas, enviando-a para a baliza; em baixo, desleto no estudantes Marques, Vieira Nunes, Belo e Viegas, natural alegria nos benfiquistas Jaime Graça, Simões, José Augusto e Torres

CONTINUAÇÕES • NOTICIÁRIO

NA CABINA DOS ESTUDANTES

(Continuação das págs. centrais)
celo por essa meia hora de esforço
plementar, afirmou:
— Foi um espetáculo magnífico,
am duas equipas esforçadamente
penhadas na procura da vitória...

do Simões. Realizou uma excelente
partida!
PERES afirmou:
— A Académica teve manifesta
infelicidade... na medida em que o
trunfo esteve ao seu alcance...

GERVÁSIO, o capitão do comitê
académico, contou-nos:
— Cheguei a pensar, convictamen-
te que tínhamos a final ganha;
no quando marcamos o primeiro
gol. Depois, quando o Benfica em-
tendeu a esperança foi desaparecen-
do...

CABINA DO BENFICA

(Continuação das págs. centrais)
para conquistar esta «Taça de Portu-
gal». O ataque da Académica é dos
melhores que pisam campos nacion-
ais, dando muito que fazer a uma
guarda-redes.
Há quatro anos, JAIME GRAÇA,
então capitão do Vitória de Setúbal,
subiu à tribuna para receber a
«Taça de Portugal» que conquistara ao
Benfica. Agora?

NENE, uma das «estrelas» da tur-
ma do Mondego, não se mostrou
loquaz. Num encolher de ombros:
— Está feito. Podíamos ter gan-
hado... Acontece. E futebol.
VÍTOR CAMPOS — Perdemos
quando tudo fazia prever uma vitó-
ria, até mesmo quando menos o
merecíamos... No final, o resultado
está certo. Não há dúvida de que
o Benfica teve muitas oportunidades.
SERAFIM lamenta que não hou-
vesse duas Taças. Assim...
— Não pode considerar-se o resul-
tado errado. Sobre o Benfica? Gos-
tei. Realizou uma boa exibição.
ROCHA, já vestido e sorridente:
— Gostei. Claro que podíamos ter
ganho. Todos o viram... Enfim, para
o ano também há Taça. E não há
duas sem três!

«NACIONAL» DE JUNIORES

(Continuação da 7.ª pág.)
go que novo empate apareceu (há
muito merecido), o desafio ficou,
pois, decidido, embora sem que a ex-
pressão numérica tivesse atingido a
proporção que a melhor estrutura da
equipa do F. C. Porto justificava,
principalmente no segundo tempo.
MARCADORES: Vítor Silva (20
m), Hélder Ernesto (59 m) e Rui
Manuel (72 m), pelo F. C. Porto;
Cruz (7 m) e Vala (23 m) pela Aca-
démica.
OS MELHORES — No F. C. Por-
to: Hélder Ernesto, Vítor Silva, Rui
Manuel e Duarte; na Académica: Ca-
chulo, Vítor Manuel, José Manuel e
Vala.
A ARBITRAGEM: Não teve pro-
blemas de maior e também não os
criou.
SPORTING, 2-V. SETÚBAL, 1

dente aporósito e a proporcionar tra-
balho de relevo à defensiva sadina.
No entanto, ao jogo «leônico» falta-
va um sentido de finalização que tra-
duzisse em golos o seu intenso do-
mínio.
Nos últimos dez minutos da pri-
meira parte, os setubalenses reagiram,
obtendo um golo na transformação
duma grande penalidade, mas a sua
inferior condição atlética não lhes per-
mitiu quaisquer veleidades.
No segundo tempo, o encontro re-
vestiu-se de características dos primei-
ros quarenta minutos, sendo desta fei-
ta menos esclarecida a réplica dos sa-
dinos. No entanto, Celestino e Góis,
especialmente estes, estavam em manbã
«nãio» e os «leões» para ganhar neces-
sitarão de «ajuda» alheia.
MARCADORES — Terrinca (12 m)
e Casaca (V. de Setúbal, aos 56 m)
pelo Sporting e Romão (37 m) pelo
V. de Setúbal.
OS MELHORES—Terrinca, Laranjei-
ra, Capeto e Simões no Sporting e
Lino, Romão e Fonseca nos setuba-
lenses.
A ARBITRAGEM — Com algumas
falhas mas sem influência no en-
contro.

OS «LEÕES», MESMO DOMINANDO PRECISARAM DE «AJUDA» ALHEIA

ÁRBITRO — Mário Alves (Beja).
SPORTING — Vítor Manuel; Ter-
rinca, Laranjeira, Vieira e Dias; Ca-
peto e Perdigão; Simões, João Ma-
chado, Góis e Eduardo Jorge (Celestino).
V. SETÚBAL — Joaquim; Lino,
Leo, João e Romão; Estelino (Quim)
e F. Jorge; Casaca (César) Reinaldo,
Fonseca e Henriques.
COMENTÁRIO—Os «leões» domi-
naram amplamente o seu brioso anta-
gonista no decurso dos primeiros tri-
ta minutos do primeiro tempo, mer-
cê dum futebol vivo e desastante
com todos os jovens pupilos de Má-
rio Lino a movimentarem-se com evi-

TORNEIO DE BADAJOZ

(Continuação da 5.ª pág.)
De qualquer forma, prevê-se — e
assim deve acontecer — que vamos
ter um jogo espectacular. As duas
equipas possuem «verdades», sufici-
entes para o conseguirem.

ATENÇÃO: A REAL SOCIEDAD É UMA EQUIPA DE COMBATE

EM hipótese, talvez a tarefa do
Benfica pareça ser mais fácil
— isto se nos quisermos esque-
cer de que a equipa saiu, antontem,
de uma final da «Taça de Portugal».
Seria suficiente para se reconhecer
que há um avultar de problemas se
não houvesse, ainda, que pensar na
verdadeira categoria e especiais ca-
racterísticas da turma espanhola da
Real Sociedad. Como os leitores se
lembram, esta equipa chegou às
meias-finais da (Taça) e só foi eli-
minada ao fim de terceiro jogo...
Para lá disso, é uma verdadeira equi-
pa de combate, lutadora, enérgica,
decidida, a encarar da melhor ma-
neira a tradicional «fúria espanhola».
O Benfica tem de se mentalizar,
portanto, para enfrentar uma equi-
pa de futebol simples, mas coriácea,
duro. Que, além disso, está deseosa
de se «vingar» da desilusão da
«Taça»...
Acredita-se, no entanto, na capa-
cidade e valor do Benfica para poder
resolver as dificuldades que o espe-
ram...



FRONTE. FOI O QUE FIZ, COM O PÉ ESQUERDO. QUANTO À EXIBIÇÃO CREIO QUE CUMPRI. ALIÁS, POR MOTIVOS DE VÁRIA ORDEM, TIVE UM CERTO EMPENHO EM JOGAR BEM NA FINAL. QUERIA «FICAR EM DIA» COM CERTO SECTOR DA IMPRENSA QUE ATÉ JÁ ME ALCUNHARA DE VELHO AOS 25 ANOS. COISAS...

EUSEBIO diz:
— Foi um bom jogo, não foi? E
o Benfica mereceu a vitória. Por
mim, joguei durante muito tempo do
encontro com enormes dores e só eu
sei o esforço que fiz para me manter
em campo. Quanto ao meu golo, eu
e o Jaime Graça temos uma jogada
estudada em que ele simula que
remata e sou eu a fazê-lo. Foi o que
o Viegas pensou. No entanto, ao saltar
a bola bateu-me na cabeça e en-
trentou. Não cabeceei de propósito, não!
Compensa outros lances de golo feito,
não é?

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

(Continuação da 7.ª pág.)
O Vale-Cambrense continua a não
acertar e na Covilhã esteve difícil o
triunfo dos «serranos».
Já se sabia que U. Lamas seria
um adversário difícil para os gou-
venenses e o próprio jogo confirmou-
o plenamente.
A Sanjoanense impôs a sua melhor
técnica e o Torres Novas, perdendo
por margem ampla, fez menos do
que era de prever.
CLASSIFICAÇÃO: 1.º, Torres No-
vas, 9 pontos; 2.º, Beira Mar e Gou-
venas, 8; 4.º, Tramagal, U. Lamas
e Pesebe, 7; 7.º, Sanjoanense, 6; 8.º,
A. C. Viseu, 5; 9.º, Sp. Covilhã, 3 e
10.º, Vale-Cambrense, 0.
GRUPO C
«Os Leões»-Oriental 4-5
Torriense-Sintrense 4-0
«Os Belenenses»-Atlético ... 0-6
Sporting-Alhandra 3-0
Marítimo-Benfica 0-0
Firmeza do Oriental, facilidades
para o Torriense e espectacular der-
rota dos «azuis». Quanto ao encontro
de Alvalade, a turma de Alhandra re-
sistiu bem, mas, naturalmente, ac-
brou por ter de ceder. Coleccionando
empates sobre empates, os funchal-
enses estão, e ainda bem, a fazer uma
prova válida e que lhes pode ser
muito útil para satisfazer pretensões.
CLASSIFICAÇÃO: 1.º, Atlético, 9
pontos; 2.º, Benfica e Sporting, 8;
4.º, Marítimo, Alhandra e Oriental,

BELO revelou-nos:
— No final de tudo, o resultado
meramente aceitável, mas
nesta perder assim. Sem querer tí-
nha qualquer valor à vitória do Ben-
fica, não posso esquecer que a nossa
teve por pouco — e estaria igual-
mente certa.
VIEIRA NUNES: Quanto ao jogo,
acho que foi magnificamente dis-
tendido. No final dos 90 minutos,
a Académica seria uma boa ven-
cedora... mas no prolongamento o
Benfica superiorizou-se. O melhor?...
Para mim, Simões.
— Entrámos cautelosos — diz-nos

ATLETISMO

(Continuação da 6.ª pág.)
vortismo que se concedia à selecção
da Associação de Lisboa.
Registamos com muito agrado a
presença da selecção da Madeira,
facto que acontece pela primeira vez.
Vencedores das provas:
100 metros — Carlos Carneiro
(Porto) 11.8; 200 metros — Fernando
Ferreira (Lx.) 22.9; 400 metros —
Henriques Silva (Lx.) 50.7; 800
metros — João Landeira (Lx.) 2 m
00.7; 1500 metros — Andrade San-
tos (Porto) 4 m 4.5; 5000 metros —
Manuel Sousa (Porto) 15 m 20.3;
10 000 metros — Manuel Sousa (Por-
to) 32 m 5.6; 110 m bar. — Rui
Sousa (Lx.) 16.9; 400 m bar. — An-
tónio Ascensão (Porto) 58.6; Alta-
ra — José Araújo (Porto) 1.16; Com-
primento — José Araújo (Porto)
6.33; Triplo — João Marreiros (Lx.)
13.44; Vara — António Cabrita (Lx.)
3.40; Peso — Vital Sousa (Porto)
13.33; Disco — Vital Sousa (Porto)
41.98 (recorde regional de juniores);
Dardo — José Saavedra (Porto) 58.06;
Martelo — Américo Ferreira (Lx.)
41.08; 4x100 metros — Lisboa, 45.3
s; 4x400 metros — Lisboa, 3 m 28.08.
Por equipas — 1.º Porto 165.5 pontos;
2.º, Lisboa, 157; 3.º, Coimbra,
55; 4.º, Viseu, 36; 5.º, Braga, 13.5 e
6.º, Madeira, 6.

Table with 2 columns: Team Name and Score. Includes entries like 'Os Leões-Oriental 4-5', 'Torriense-Sintrense 4-0', etc.

Advertisement for 'anúncio classificado' (classified advertisement) listing various products and their prices. Includes items like 'bolachas IMPERIAL', 'café SICAL', 'cargas SICAL', etc.

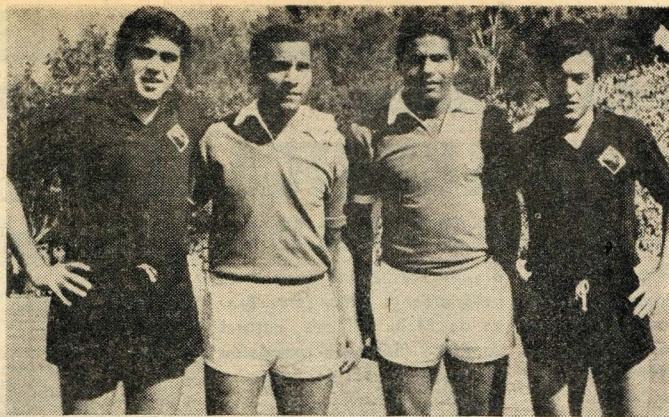
Advertisement for 'LIXADEIRA DE CINTA' (belt sander) by JAIME LOUREIRO. Includes an image of the machine and contact information: RUA FIRMEZA, 325, Telef.: 33434 — PORTO.

Advertisement for 'HOTEL PRAIA MAR LOCAL PRIVILEGIADO PARA ESTÁGIO DE DESPORTISTAS'. Includes contact information: Tel. 247 31 31 CARCAVELOS.

BENFICA

DE

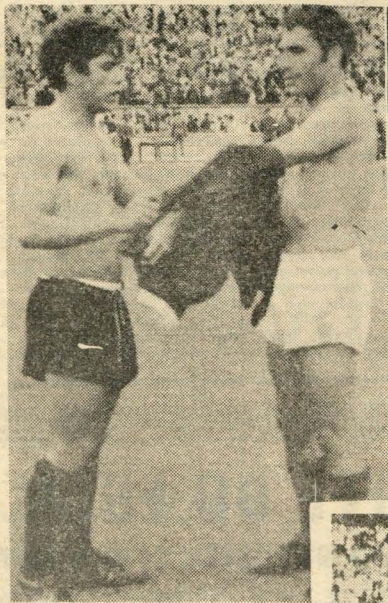
NEGRO



ACADÉMICA

DE

ENCARNADO



VENCEDORES

E

VENCIDOS

PERMUTARAM

AS

CAMISOLAS



O futebol teve a sua grande festa na final do Jamor. Festa a que o Benfica emprestou a sua mística e a Académica a irreverência das suas manifestações tão tipicamente estudantis. Festa que teve o aparato dos grandes espectáculos, o clima de emoção dos acontecimentos da mais alta repercussão. E no fim, vencedores e vencidos demonstraram bem o seu elevado espírito de desportivismo, culminada com a já tradicional permuta das camisolas. A encimar a página a imagem curiosa dos quatro irmãos (dois a dois) que actuaram no Jamor — os escolares Mário e Vítor Campos e os benfiquistas Zeca e Abel

